

Fernanda de Souza  
Almeida

QUE  
DANÇA  
É ESSA?

Uma proposta para a  
educação infantil



*QUE DANÇA É ESSA?*

*Uma proposta para a educação infantil*

Copyright © 2016 by Fernanda de Souza Almeida  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Buono Disegno**

Imagem da capa: **Gold Stock Images/Shutterstock**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Santana**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

**Summus Editorial**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>Prefácio</b> .....	<b>11</b>
<b>Apresentação – O caminhar desta vida</b> .....	<b>15</b>
<b>1</b> Chão de terra batida: caminhos já percorridos .....	<b>25</b>
<b>2</b> Encontro com a eterna novidade: a criança pequena .....	<b>37</b>
<b>3</b> Um labirinto de escolhas: estratégias da dança .....	<b>57</b>
<b>4</b> Trajetórias do corpo no espaço .....	<b>77</b>
<b>5</b> Planejando a ação: a práxis educativa em dança .....	<b>105</b>
<b>6</b> Abrindo portas .....	<b>131</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>137</b>

# Prefácio

Professores da educação infantil, por vezes, se encontram desprovidos de formação adequada na área da dança, apresentando, assim, uma falta de segurança ao trabalhar o corpo e o movimento no contexto escolar. É comum, ainda nos dias de hoje, abordarem a dança meramente como um recurso para conter a indisciplina, acalmar os alunos, como recreação ou atividade vinculada ao calendário das festas escolares, com o ensino de “passos de dança”, a preocupação de mostrar e demonstrar algum resultado/produto em detrimento do processo de artístico e educacional.

O livro *Que dança é essa? – Uma proposta para a educação infantil*, da educadora e mestre em Artes Fernanda de Souza Almeida, aplica-se no centro dessa discussão, apresentando reflexões e propostas práticas para a inserção da dança nas escolas de educação infantil, uma vez que se nota uma lacuna na formação docente nessa área de conhecimento.

Com vasta experiência como professora da educação básica, especialmente em dança para crianças em escolas da cidade de São Paulo, a autora organiza e apresenta os procedimentos de seu

trabalho com a educação infantil, além de diversas vivências e dicas para o professor no seu dia a dia em sala de aula.

Fruto de uma dissertação de mestrado fundamentada a partir da prática de ensino da autora, o livro nos apresenta duas possibilidades principais de leitura: uma que revela a trajetória do reconhecimento da dança como área de conhecimento a ser mediada na escola, compreendendo a importância dessa linguagem artística no cotidiano da educação infantil, e outra que revela a práxis educativa em dança, com estratégias para a mediação dessa linguagem na escola, elencando o jogo infantil, a improvisação e a interação como fundamentos principais.

Em diálogo com outros autores, perfaz-se uma reflexão autoral não somente das ações pedagógicas, mas também da importância de se repensar essas ações desde os espaços de formação docente até a docência nas escolas de educação infantil, propondo a (re)construção constante de possibilidades, revelando que as propostas de dança com crianças no ambiente escolar pode ser um processo reinventado.

Como professores de dança, necessitamos o tempo inteiro de um estado de atenção e escuta a nós mesmos para assim poderemos escutar os pequenos. A criança necessita primordialmente do olhar do professor, do modo como ele se relaciona com ela, como aborda as propostas e faz suas observações. Tudo isso não deixa de ser um diálogo do corpo em movimento imantado de um pensamento de dança.

O livro aponta, também, para um fértil assunto do campo aqui em questão: “que dança é essa?” Livre de modelos preestabelecidos, com ênfase no processo tradicional de sequências a

ser repetidas mecanicamente, Fernanda de Souza Almeida apresenta uma proposta para favorecer a dança na infância que possibilita a descoberta do próprio corpo em relação ao espaço e ao outro, permitindo e respeitando a troca de experiências no ambiente escolar.

*Que dança é essa?* é leitura importante para estudantes, profissionais da educação infantil e outros mestres e pesquisadores.

### **JUSSARA MILLER**

Bailarina, coreógrafa e educadora somática, diretora e professora do Salão do Movimento, situado em Campinas (SP). Autora dos livros *A escuta do corpo* (Summus, 2007) e *Qual é o corpo que dança?* (Summus, 2012).

# **Apresentação**

## **O caminhar desta vida**

Caminhante, não há caminho.  
O caminho se faz ao caminhar.  
(Antônio Machado)

O despertar para a organização deste livro derivou do desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado e das diversas reflexões que permearam o meu caminhar como professora de dança na educação infantil.

Lembro-me do meu primeiro ano de docência, no qual lecionei balé clássico para crianças de 6 anos de idade da antiga pré-escola (atualmente primeiro ano do ensino fundamental). Não foi fácil, pois aquela turma tinha uma peculiaridade: era constituída de crianças que ficavam o dia todo na escola – o atual e tão procurado período integral. Viviam repletas de lições e chegavam às aulas de dança agitadas, ansiosas e falantes. Toda proposta de vivência era um pretexto para iniciar um “pega-pega”. Hoje, olhando para trás, vejo que eram crianças se expressando, dizendo-me que precisavam se movimentar, explorar o corpo, descobrir o mundo, e que, acima de tudo, estavam cansadas de ficar muito tempo sentadas.

Inexperiente, não conseguia ver por esse ângulo. Algumas questões me acompanharam durante os primeiros meses: como mediar esses momentos? O que oferecer a crianças dessa idade?

Imersa em tais dúvidas, entrei em contato com os estudos de Fábio Brotto e me extasiei em seu mar de ideias. Deparei com um território onde, se o importante era competir, o fundamental era cooperar! E, em meio a “re-uniões” e “com-tatos”, conheci uma “comum-unidade” na qual nenhum de nós era tão bom e inteligente quanto todos nós (Ferguson *apud* Brotto, 2003).

Comecei a me interessar pela educação e a entender que toda atividade realizada na escola, mesmo no período complementar, precisa ser planejada, organizada e estar repleta de ações intencionais por parte do professor para ampliar a perspectiva de mundo das crianças. As vivências necessitam oferecer oportunidades aos pequenos e respeitar as características da faixa etária na qual se propõem a atuar, sem exclusões ou cobranças técnicas exageradas; enfim, necessitam apresentar uma visão diferenciada.

Embalada em compreender melhor a idade com a qual trabalhava, busquei os estudos em psicomotricidade<sup>1</sup> e, sob essa luz, ultrapassei o entendimento de uma evolução motora do ser humano; aprendi sobre o desenvolvimento da pessoa completa em sua íntima relação entre os aspectos motor, afetivo, social e cognitivo. Estudei as relações entre as bases psicomotoras e a aprendizagem e encontrei em autores como Henri Wallon, Vitor da Fonseca e Jean Le Boulch a afirmação de que o corpo não é um dado dispensável no processo educacional. Pelo contrário, o corpo é um meio de interação e exploração dos objetos, do entorno, do outro e de si; até

---

1. Ciência da saúde e da educação originada na França, em 1909, com Dupré como um dos seus precursores, ao introduzir os primeiros estudos sobre a estreita relação que existia entre as debilidades motoras e as anomalias psíquicas.



porque é por meio do movimento que as crianças interagem com o mundo e com as pessoas, se expressam, se comunicam, experimentam, criam e descobrem. Tais ações podem produzir conhecimentos como preferências de movimentos, noções de tamanho, peso, distância e forma, a dinâmica da sociedade em que estão inseridos, entre outros. Dessa maneira, o corpo não pode ser abandonado à passividade, principalmente na escola.

No referido momento, a paisagem do caminho estava repleta de sorrisos, alegria, cor e vivacidade da infância. As vivências de balé passaram a ter uma forte preocupação com a ludicidade, a criatividade, a expressividade, a socialização e o desenvolvimento psicomotor.

Com o intuito de ampliar meus conhecimentos na área da dança, aprofundei-me nas teorias de Rudolf Laban, um amante e estudioso das múltiplas e diversas manifestações do movimento. Laban estudou pintura, escultura, arquitetura e balé clássico e, inspirado nos princípios de harmonia formulados por Platão e Pitágoras, nos conceitos geométricos e na escala musical, definiu e denominou o principal elemento da dança: *o movimento* (Guimarães, 2006). Identificou nele seis qualidades: leveza, resistência, subitaneidade, sustentação, foco e difusão; chegando, assim, aos quatro componentes ou fatores do movimento: fluência, espaço, peso e tempo.

Sua teoria, a Arte do Movimento, não era apenas uma arquitetura viva do ato motor; ao contrário, sua proposta objetivava o conhecimento profundo das articulações, sensações e possibilidades de se movimentar para um corpo mais expressivo, criativo e comunicativo. Para isso, considerou importante incentivar a criação de uma dança pessoal por meio de improvisações temáticas.

Petrella (2006) reforça que Laban buscou no movimento e na dança uma forma de fazer que o sujeito tivesse outra relação com o corpo e, assim, direcionou seu trabalho para as contribuições educacionais que essa linguagem artística poderia apresentar. Seus estudos de dança voltados à educação são expressos no livro *Modern educational dance* (Dança educativa moderna). Originalmente publicada em 1948, a obra é indicada a pais e professores e sugere oportunizar a dança com base nos princípios de experimentação dos quatro fatores do movimento. Essa vivência possibilitaria aos jovens expressar seu “eu”, explorar as noções espaciais e rítmicas e criar seus gestos na qualidade de dança, sem padrões de movimento ou de corpo.

Relacionei meus conhecimentos em desenvolvimento psicomotor com os estudos de Laban e, nesse percurso, mais uma vez, a didática do balé foi modificada. Vivências com os fatores do movimento e improvisações foram acrescidas, e a experiência foi tão satisfatória que desejei trabalhar apenas com a dança inspirada nessa teoria. Com isso, estudei autores brasileiros, como Isabel Marques, Lenira Rengel, Kathya Godoy, Alba Vieira e Marcia Strazzacappa, que repensaram as teorias de Laban e trouxeram contribuições contemporâneas para o seu ensino no contexto educacional atual, dialogando com o lúdico, o jogo, a integração das quatro linguagens artísticas<sup>2</sup>, a história e a sociedade.

Nesse contexto, passei então a refletir sobre a educação e as especificidades da criança de educação infantil para a adequação das proposições em dança com pequenos. Com isso, eu me dispus a cursar a graduação em licenciatura plena em Pedagogia.

---

2. Artes visuais, música, teatro e dança.

Nesse curso, entrei em contato, entre outras questões, com as políticas públicas em prol da educação infantil. Foi possível destacar a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, de 1996, e o Estatuto da Criança e do Adolescente como contribuintes legais para o reconhecimento e a valorização, em âmbito nacional, da criança pequena como cidadã e do período destinado à sua educação.

Apesar disso, Nascimento (2007) afirma que a educação infantil é uma área de conhecimento em construção, com especificidade ainda pouco reconhecida. O autor apresenta a necessidade da ampliação de estudos para esse período, fato para o qual este livro procura contribuir.

Para a compreensão das características e necessidades da faixa etária, revisitei as investigações de Henri Wallon e os estudos de seus atualizadores/interlocutores brasileiros: Dantas (1992), Galvão (1995) e Mahoney e Almeida (2009).

O psicólogo estudou a origem dos processos mentais do sujeito, concebendo o desenvolvimento como um processo nunca acabado, que aceita regressões, avanços, saltos, contradições e conflitos (Mahoney; Almeida, 2009). Wallon também descreveu e explicou as mudanças ocorridas no crescimento com uma perspectiva integrada, abrangente e dialética. Para ele, a fase entre 3 e 6 anos, nomeada personalismo, é como um período de construção de si como um ser diferente dos outros; um processo de discriminação entre o eu e o outro. A criança dessa idade necessita, ao mesmo tempo, se opor ao outro, expulsando-o de si; e “seduzir” e imitar, para assimilá-lo e reelaborar sua personalidade única e total (Mahoney; Almeida, 2009). Nesse processo, a consciência corporal e a vivência de movimentos são fatores que

permearão o desenvolvimento e o conhecimento de si, não só quando criança como ao longo da vida.

Wallon (1975) explica que as ações cotidianas da criança de andar, correr, saltar, girar são atividades dinâmicas ligadas à necessidade de experimentar o corpo para o domínio dos movimentos e a construção da autonomia. Para o autor, as ações corporais são molas propulsoras de reconhecimento e apreensão do mundo pelas crianças. Nesse aspecto, a dança, como uma linguagem artística expressa por meio de movimentos, pode utilizar-se de tais ações corporais, possibilitando ao sujeito sentir-se, perceber-se, conhecer-se e manifestar-se, contribuindo para a ampliação das experiências pessoais e da perspectiva de mundo. É nessa ótica que Godoy defende a sua importância na escola, levando a criança a compreender sua capacidade de movimento e

entender melhor como seu corpo funciona, para que possa usá-lo expressivamente com inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade. Essa linguagem é uma forma de integração e expressão individual e coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. Como atividade lúdica permite a experimentação e criação no exercício da espontaneidade. (Godoy, 2007, p. 7)

A dança na escola pode dar subsídios ao aluno para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e transformar as relações que se estabelecem entre corpo, arte e sociedade, de forma a contribuir para que os alunos tomem consciência de suas potencialidades, aumentando sua capacidade de resposta e sua habilidade de comunicação. Seu objetivo englobaria a sensibilização e a conscientização tanto nas posturas, nas atitudes, nos gestos e nas ações cotidianas, quanto em suas necessidades de se expressar, comunicar, criar, compartilhar, interagir na sociedade em que vivemos. (Godoy; Antunes, 2010, p. 39)

Desse modo, penso ser fundamental a presença da dança no ambiente educacional, principalmente na educação infantil, alicerce da vida. Mas não me refiro a qualquer dança. Uma dança que respeite ritmos, desejos e características do pensamento infantil; englobe o movimento expressivo; permita trocar experiências com o outro, destacando-se como elemento transformador; ofereça oportunidades para a criança ampliar suas perspectivas sobre si e sobre o meio em que está imersa; e possibilite a descoberta do próprio corpo, da própria dança e o alargamento das experiências motoras, pois o movimento humano, muito mais do que uma ação corporal, é o diálogo que o sujeito estabelece com o mundo e sempre intencional e carregado de sentidos e significados.

Nesse sentido, Godoy (2010) assegura que a escola tem se encontrado desprovida de propostas que contemplem, ampliem, fortaleçam e implementem essa linguagem artística. Vivenciando o ambiente escolar, é perceptível a falta de segurança por parte de alguns profissionais da educação infantil em trabalhar com ela. Lima (2009) revela que, ao participar de um projeto que buscava refletir e compreender como a dança estava sendo desenvolvida nas escolas da rede municipal de ensino de São José, em Santa Catarina, pôde verificar que as concepções desta eram (e são) muito reduzidas:

[...] ou seja, os conteúdos e metodologias estavam, quase sempre, direcionados ao simples repasse de informações, seguindo um modelo tradicional de organização das aulas, onde o conhecimento está centralizado no(a) professor(a). Este cenário limitado de compreensão e significação das possibilidades que a dança pode trazer para a educação e para a formação das pessoas que dançam nos mostra a necessidade de

realizar mais estudos na área da dança educativa, nos diversos níveis de ensino, no sentido de contribuirmos, cada vez mais, para o saber e o fazer dos profissionais que trabalham com esta linguagem artística numa perspectiva educativa. (Lima, 2009, p. 17)

Outro ponto que revela a indispensável ampliação de produções bibliográficas que envolvam a dança para a criança situa-se nas próprias necessidades de ampliação dos conhecimentos em educação infantil, uma construção relativamente recente da nossa sociedade. Oliveira (2010) afirma que proposições pedagógicas de qualidade e alternativas práticas cotidianas desenvolvidas com as crianças são imprescindíveis e, uma vez que a dança integrou o documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, essa necessidade se estendeu para essa linguagem.

Nessa conjuntura, identifiquei a urgência de uma pesquisa que contribuísse com a prática educativa da dança na educação infantil, uma vez que Godoy (2007) afirma que o espaço da dança na escola existe, é real e necessário, mas precisa ser efetivado.

Dessa forma, este livro releva os pressupostos e elementos da dança na educação infantil e as estratégias para o trabalho do professor, acrescidos de sugestão de vivências, músicas, organizações de sequências didáticas e trocas de experiências.

A obra se desvelou em seis capítulos. O Capítulo 1, “Chão de terra batida: caminhos já percorridos”, apresenta a educação infantil, sua história, objetivos, leis que a garantem, documentos e parâmetros sugeridos pelo Ministério da Educação e Cultura. Seu objetivo foi revelar a trajetória do reconhecimento da dança como área de conhecimento a ser mediada na escola, compreendendo a importância dessa linguagem artística como uma experiência na educação infantil.

O Capítulo 2, “Encontro com a eterna novidade: a criança pequena”, reflete sobre quem é a criança de educação infantil e suas características de desenvolvimento por meio dos estudos de autores como Henri Wallon e Vitor da Fonseca. Tais estudos alicerçaram os pressupostos da dança aos pequenos: sujeito sociohistoricocultural, linguagem artística, noção do corpo, estruturação espacial e diferenciação eu-outro.

Já o Capítulo 3, “Um labirinto de escolhas: estratégias da dança”, revela possíveis estratégias para a mediação dessa linguagem artística na educação infantil, elencando o jogo infantil, a improvisação e a interação como fundamentos em potencial.

O Capítulo 4, “Trajetórias do corpo no espaço”, procura identificar uma possibilidade de dança que dialogue com as necessidades das crianças pequenas discutidas nos capítulos anteriores, apresentando seus quatro elementos constituintes: corpo, movimento expressivo, espaço e ritmo, inspirados nos estudos de Rudolf Laban, Dalcroze, Kathya Godoy, Isabel Marques e Lenira Rengel.

O Capítulo 5, “Planejando a ação: a práxis educativa em dança”, revela a aplicação dos pressupostos, estratégias e elementos da dança elencados em campo; a organização dos encontros dançantes com as crianças e como eles foram pensados; as modificações no cronograma e nas sequências didáticas solicitadas por situações do cotidiano; e, por fim, a importância do registro para a construção do conhecimento docente e da sua prática educativa.

Finalizando, o Capítulo 6, “Abrindo portas”, expõe algumas considerações e os aprendizados adquiridos ao longo da jornada, almejando estimular que tantos outros professores possam pesquisar sobre sua práxis ou desenvolver outros tipos de experiências em

dança utilizando os princípios metodológicos apontados. Espera-se que este material contribua com a prática educativa dos professores de dança na educação infantil e/ou incentive a inserção dessa linguagem artística no contexto escolar dos pequenos.



# 1

## Chão de terra batida: caminhos já percorridos

[...] o seu destino não é o passado  
cristalizado em saber, mas um  
futuro que se abre como vazio.  
(Rubem Alves)

Voltar aos rastros do passado sobre os caminhos já percorridos torna-se necessário para a compreensão do tempo presente e a projeção do futuro. É o que Ana Mae Barbosa proferiu em uma palestra no Instituto de Artes da Unesp (SP) em 2011: “Devemos puxar o estilingue para trás, para então soltá-lo e ver a pedra voar longe”.

Entretanto, sempre que voltamos ao passado, fazemo-no com olhos do presente, com nossas referências e concepções de mundo do “agora” (Fenelon, 1997). Ressignificamos e nos reapropriamos de vivências anteriores com indagações atuais “para que as histórias não sejam vazios homogêneos, períodos estanques, datas distantes ou fatos sem sentido” (Marques, 2010, p. 60).

E, seguindo os conselhos de Rubem Alves, esta será a tônica deste capítulo: uma viagem no tempo, algumas vezes não linear,